21 MAI 1989 Eleição Presidencial

JORNAL DO BRASIL

Murilo Menon — 10/5/89

Vicentinho não crê

Gilberto Alves — 11/4/89

Collor seduz operários

Collor avança no ABC e Lula perde espaço

SÃO PAULO — Berço do PT, São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, pode viver, ao longo da campanha presidencial, a disputa que Fernando Collor de Mello, candidato do PRN e até agora líder das pesquisas, espera enfrentar no segundo turno das eleições com o candidato do PT, deputado Luís Inácio Lula da Silva. "O Lula e o Collor é que vão disputar para valer os votos da região", prevê o ferramenteiro desempregado Luiz Flávio do Nascimento, militante do PT.

Catapultado das assembléias de metalúrgicos do ABC para uma cadeira na Câmara dos Deputados com 652 mil votos, em 1986, Lula continua senhor de seus domínios. Mas o nome de Collor circula entre os operários da região. "Ele é um cara de personalidade", diz Valter Aparecido Melendes, de 22 anos, conferente da Ford, onde ganha cerca de NCz$ 360,80. Eleitor convicto de Lula, Melendes não esconde que a candidatura do ex-governador de Alagoas atrai muitos colegas. "Existe uma certa divisão entre o Collor e o Lula", constata.

Em outra fábrica importante, a Volkswagen, dois habituais eleitores do PT — o controlador José Ialdo, solteiro, que vive com cerca de NCz$ 650,00 por mês, e o modelador Carlos Alberto Santos, que com cerca de NCz$ 850,00 sustenta mulher e filho — reconhecem méritos em Collor. "Ele é jovem", diz Santos, de 24 anos. "E acabou com os **marajás**", completa Ialdo. Ambos, porém, têm grande expectativa quanto a candidatura de Lula. "Vamos ver o que ele fala quando começar a campanha", diz Ialdo.

Vicentinho nega — O fenômeno Collor não assusta o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho. "Tenho certeza de que a maioria absoluta é Lula", afirma. "Em 1986, na eleição para o governo do estado, eu sentia a presença do Antônio Ermírio (de Moraes, candidato do PTB) na base", compara. "Agora, não noto uma penetração do Collor e estou nas fábricas todos os dias." Ele ressalta que ouve alguns companheiros falarem no nome do candidato do PDT, Leonel Brizola.

Outro metalúrgico que enveredou pelos caminhos da política, o vice-prefeito de São Bernardo do Campo e ex-deputado Djalma Bom também não acredita que o candidato do PRN conquiste votos em São Bernardo. Mas admite: "Sei que se fala do Collor." Membro do Diretório Nacional do PT, Djalma pondera que o crescimento do ex-governador de Alagoas junto ao eleitorado do país se deve à inoperância do PT. "A ética e a moral sempre foram uma das principais bandeiras do partido", diz. "E o PT está perdendo esta bandeira para o Collor."

Resistência a Ulysses alarma PMDB

BRASÍLIA — O deputado Ulysses Guimarães enfrenta sérias resistências à viabilização de sua candidatura junto aos mais fortes eleitores do PMDB, os governadores, que cruzaram os braços e não dão sinal de que pretendam sair em campo para ajudá-lo. Os dirigentes do PMDB estão alarmados, pois não sabem como levar para o palanque de Ulysses as "viúvas de Quércia", como chamam os governadores.

A situação é mais crítica no Paraná (Álvaro Dias), Ceará (Tasso Jereissati) e Rio Grande do Norte (Geraldo Melo), mas há dificuldades também em Pernambuco (Miguel Arraes), Minas Gerais (Newton Cardoso) e Mato Grosso do Sul (Marcelo Miranda). "O meu voto e dos meus familiares eu garanto para o doutor Ulysses. Mas não posso prometer mais nada", comentou Geraldo Melo com um parlamentar do PMDB.

Posição idêntica adotou o governador Tasso Jereissati. Passado quase um mês da convenção do PMDB, ele ainda não fez um movimento em favor de Ulysses. Pelo contrário: tem feito reunido prefeitos e vereadores cearenses para tomar depoimentos, muitos deles gravadas, que atestariam a inviabilidade da candidatura Ulysses.

"Podem estar acontecendo duas coisas: ou querem inverter a chapa e colocar Waldir Pires na cabeça, ou estão sonhando com Quércia de novo", suspeita um dirigente do PMDB, que no entanto considera improváveis ambas as hipóteses.

O candidato do PMDB também está encontrando fortes obstáculos, de áreas de fora do partido, para colocar o ex-ministro Renato Archer como coordenador de sua campanha. Archer tem forte apoio dentro da Executiva pemedebista. Mas, por conta da defesa ardorosa da política de reserva de mercado para a informática que Archer assumiu na passagem pelo extinto Ministério da Ciência e Tecnologia, alguns setores que têm acesso ao deputado Ulysses Guimarães estão trabalhando contra seu nome.

Isso tudo está paralisando o candidato do PMDB. Apesar de estar à frente do maior partido do país, Ulysses não tem sequer um escritório de campanha